

BATUQUE DE UMBIGADA - OS DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO INFANTIL ANTIRRACISTA

BATUQUE DE UMBIGADA - THE CHALLENGES OF ANTI-RACIST EARLY CHILDHOOD EDUCATION

 <https://orcid.org/0000-0001-5390-1206> Fernanda Ferreira de Oliveira^A

^ASecretaria Municipal de Educação de Piracicaba (SME), Piracicaba, SP, Brasil

Recebido em: 28 fev. 2023 | Aceito em: 04 jan. 2024

Correspondência: Fernanda Ferreira de Oliveira (nandafferreira4@hotmail.com)

Resumo

O presente artigo buscar apresentar os desafios de uma educação infantil antirracista, a partir da compreensão das fontes documentais produzidas pela professora pesquisadora e autora deste trabalho. Os documentos mencionados se deram no contexto de um projeto educativo baseado em um currículo que valoriza os saberes ancestrais do Batuque de Umbigada. Essa manifestação cultural tradicional, do oeste paulista, foi entendida como relevante para o desenvolvimento da prática pedagógica na educação infantil. Foi levado em consideração os saberes produzidos e difundido pela própria comunidade do Batuque de Umbigada, ou *Caiumba*, bem como as pesquisas sobre essa tradição, no sentido de colaborar sobre os valores formativos de uma educação antirracista para crianças pequenas. Para dialogar com o tema desenvolvido foi escolhida a abordagem teórico-metodológica da pesquisa narrativa, que é uma forma de produzir narrativamente as contribuições teóricas-reflexivas da investigação no sentido de compreendê-la. Ao longo do texto as/os leitoras/es poderão acompanhar como o projeto educativo colaborou na construção de um currículo aberto e em movimento, e como os elementos simbólicos, éticos e estéticos de cultura de matriz africana e afro-brasileira podem ensinar as crianças sobre diversidade, respeito e a eliminação de ações racistas.

Palavras-chave: Educação Infantil; Antirracista; Batuque de Umbigada; Currículo.

Abstract

This article seeks to present the challenges of anti-racist early childhood education, based on an understanding of the documentary sources produced by the researcher, teacher and author of this presentation. The documents mentioned were produced in the context of an educational project based on a curriculum that values the ancestral knowledge of Batuque de Umbigada. This traditional cultural manifestation, from the western region of São Paulo, was seen as relevant to the development of pedagogical practice in early childhood education. It took into account the knowledge produced and disseminated by the Batuque de Umbigada, or *Caiumba*, community itself, as well as research into this tradition, in order to collaborate on the formative values of an anti-racist education for little children. The theoretical-methodological approach of narrative research, which is a way of narratively producing the theoretical-reflective contributions of the research in order to understand it, was chosen to engage with the theme developed. Throughout the text, readers will be able to follow how the educational project collaborated in the construction of an open and moving curriculum, and



how the symbolic, ethical and aesthetic elements of African and Afro-Brazilian culture can teach children about diversity, respect and the elimination of racist actions.

Keywords: Child Education. Antiracist. Batuque de Umbigada. Curriculum.

Introdução

O presente artigo é produzido a partir das fontes documentais de um projeto educativo que ocorreu ao longo do ano de 2021 e teve como objetivo desenvolver, junto a um grupo de crianças pequenas (4 e 5 anos) periféricas, empobrecidas e maioria negras da educação infantil pública de Piracicaba -SP, a compreensão dos saberes que dialogam com a ancestralidade existentes na tradição *Caiumba*, popularmente conhecida como Batuque de Umbigada ou *Tambu*. Neste sentido, busco contribuir à discussão da importância da construção e organização de um currículo educativo antirracista na educação infantil, na medida em que permite lançar novos olhares sobre as especificidades que compõe as experiências de meninas/os pequenas/os. As fontes documentais utilizadas foram os registros das práticas docentes da professora pesquisadora autora deste trabalho, ou seja, alguém que olha para sua própria prática.

Fundamento-me nos ensinamentos das mestras e mestres do Batuque de Umbigada que, por meio da tradição oral, transmitem os saberes ancestrais sobre os modos de ser, estar e pensar o mundo com propósito humanizador. Essas são experiências que ocorrem em processo de circularidade e repetições, o que, de acordo com Paula Junior (2022), é comum nas manifestações da cultura negra de origem *bantu*¹.

A perspectiva teórica-metodológica elencada foi a pesquisa narrativa que, através do ato de narrar histórias, possibilita o sujeito autor compreender e interpretar a experiência - a sua própria (auto-biográfica) ou de outra pessoa (biográfica) -, e se constitui como uma escrita reflexiva durante a produção do texto (CLANDININ E CONNELLY, 2000).

O gênero narrativo refere-se ao ato de contar história - oral, textual e visual- e de certa forma se aproxima dos modos como as mestras e os mestres ensinam sobre os “Saberes no pé do Tambu”². A escolha pelo caminho narrativo endógeno, em que eu revelo a minha própria percepção sobre os acontecimentos, permitirá interpretar, de modo particular, a forma como

¹ Bantu é um termo utilizado para se referir a um tronco linguístico que deu origem a diversas outras línguas no centro e sul do continente africano, formado por um conjunto de 300 a 600 grupos étnicos diferentes.

² Referente ao livro do filósofo e pesquisador Antônio Filogenio de Paula Junior *Saberes no pé do Tambu*. Editora Malê, 2020.

construo os sentidos das minhas experiências vividas junto às crianças pequenas no projeto educativo envolvendo os movimentos presentes no Batuque de Umbigada.

Ao final do artigo apresentarei algumas lições aprendidas durante este processo de reflexão sobre as minhas práticas, uma vez que a narratividade não tem o objetivo de provar algo ou concluir alguma coisa, mas trazer ensinamentos necessários ao momento presente. Por isso, se faz indispensável revisar o passado refletindo o futuro, assim como as pessoas mais velhas do batuque, que ao iniciarem os mais novos valorizam a manutenção da tradição.

Sobre as crianças pequenas e a escola da infância

Inicialmente, cabe salientar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996) definiu a educação infantil como primeira etapa da Educação Básica, elevando a um lugar de destaque e instaurando uma importante referência: o cuidar e educar da criança pequena em ação conjunta com a família e com a comunidade, na qual ela está inserida. O binômio cuidar e educar possibilita pensar nas crianças como sujeitos de direitos, e o espaço educativo deve garantir.

As crianças pequenas participantes do referido projeto educativo, que ocorreu ao longo do ano de 2021, são meninas e meninos entre 4 e 5 anos de idade, matriculadas em uma escola de educação infantil pública da cidade de Piracicaba – SP. Na ocasião, faziam parte da turma de jardim I em período integral. Ao longo desse projeto foram atendidas de forma híbrida, ou seja, o acompanhamento educativo se deu no formato presencial e também remoto, pois o Brasil, nesse momento, mesmo com o avanço das vacinas, ainda sofria os reflexos mais agressivos da pandemia Covid-19, havendo, por exemplo, restrição dos espaços de convivência, circulação e uso de máscaras, entre outros.

São crianças moradoras da periferia, de maioria negra, empobrecidas, filhas e filhos de mães e pais trabalhadoras e trabalhadores principalmente dos serviços que, durante a restrição social, foram considerados como essenciais, tais como hospitais, mercados e farmácia principalmente nos setores de limpeza. A instituição de educação infantil, para além das suas características regulares, nesse período de crise sanitária, tornou-se um local de apoio e suporte às famílias e à comunidade, funcionando como ponto de entrega de doações de alimentos, atenção às questões de saúde física e emocional. Atuou como parte da rede de proteção integral às crianças e suas famílias, ajudando a promover seus direitos e combatendo

a necropolítica instaurada pelo governo Bolsonaro (2019-2022), que produziu uma política de extermínio dessas populações periféricas, negras e empobrecidas.

Tal postura de apoio foi ao encontro do entendimento de uma educação infantil integral, que pensa a formação do sujeito a partir de tudo aquilo que também acontece com ele fora da sala e dos muros da escola, pois, as pequenas e os pequenos estão inseridos em uma comunidade que as influenciam diretamente. Ou seja, nesta escola da infância há a preocupação com a necessidade de pensar nas crianças pequenas enquanto sujeitos de direitos, sociais e históricos.

Ao apontar para a ideia de uma educação integral parte-se da lógica do pensamento coletivo, e este fundamento também está presente no Batuque de Umbigada, tradição que aposta na manutenção da comunidade, que se abre para o outro a partir do encontro (PAULA JUNIOR, 2022).

Sendo assim, fruto de um pensamento coletivo, a educação integral visa priorizar a formação das pessoas na sua integralidade (social, emocional, cognitivo, econômico, cultural, estético, territorial), em que todos os processos que se apresentam têm um potencial educativo. A escola de educação infantil em questão se entende como um espaço da infância que tem por objetivo pensar as particularidades do que é ser criança inserida em um projeto educacional que respeita o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional. É um espaço que pensa o processo de acolhimento que acontece de forma contínua e permanente, o que colabora a compreender os modos que cada criança se manifesta. Essa postura é de fundamental importância para a construção de uma educação infantil de qualidade e integral.

Para criar um ambiente de diálogos e trocas que possibilitem o bom desenvolvimento do planejamento educativo, essa escola da infância tentar criar possibilidades de aproximar ao máximo a participação das famílias e da comunidade, valendo-se de meios como reuniões individuais e coletivas, assembléias, conselho, comitês de eventos, encontros e outros.

Esse aspecto, de promover e garantir participação de diferentes agentes na construção de uma educação integradora, converge com a perspectiva de um currículo aberto e em movimento (BRASIL, 2009), pois visa possibilitar uma formação significativa que advém da compreensão do que emerge da dinâmica do chão da escola e não apenas do que foi planejado e organizado previamente.

Sobre um projeto educativo na educação infantil antirracista

O projeto educativo em questão foi iniciado em março de 2021 e se estendeu até o final deste mesmo ano letivo. A iniciativa se deu a partir do meu repertório pessoal, pois também sou uma artista popular, me declaro afro-indígena, periférica e faço parte dos seguintes grupos:

- Samba de Lenço Mestre Antônio Carlos Ferraz que, de acordo com as pessoas mais velhas, é uma manifestação “irmã” do Batuque de Umbigada, de matriz negra banto e afro-caipira;
- Comunidade e Quilombo Urbano Vila África, local onde muitos encontros do Batuque de Umbigada acontecem, inclusive a formação do grupo das crianças batuque mirim Tio Tonho;
- Membro do grupo percussivo Baque Caipira, que une o baque virado das nações de maracatu de Recife e os ritmos caipiras e afro-caipira inclusive o Batuque de Umbigada.
- Congada do São Benedito e Nossa Senhora do Rosário em que desde 2022 vem acontecendo um processo de retomada.

Minha proximidade com o grupo do Batuque de Umbigada de Piracicaba se dá pelos eventos culturais promovidos por diferentes momentos ao longo do ano, dentre eles, a Festa no Sítio São Pedro, que acontece no sítio do Seu Pedro Soledade, mestre do batuque. E também na relação de amizade que tenho com todas/os as/os e integrantes dessa manifestação, além do contexto da produção cultural e o constante interesse pela pesquisa e o estudo nessa área. Por isso, peço licença às pessoas remanescentes e que fazem parte dessa tradição e que atuam na manutenção dessa manifestação cultural, para trazer a *Caiumba* como perspectiva que colabore na construção de uma educação infantil antirracista.

Neste sentido, o desenvolvimento desse projeto educativo também foi impulsionado pela consciência de trabalhar a lei 10.639/2003³ (BRASIL, 2003) que regulamenta nos currículos da educação básica brasileira a inclusão da história e a cultura dos povos africanos e afro-brasileiros. E é hoje considerada o principal instrumento de luta contra o racismo dentro do campo educativo.

A intenção com o projeto era que as crianças pequenas pudessem conviver com o repertório cultural do Batuque de Umbigada durante todo o ano de 2021 por meio dos

³ Alterada pela lei 11.645/08 que de acordo com seu artigo 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

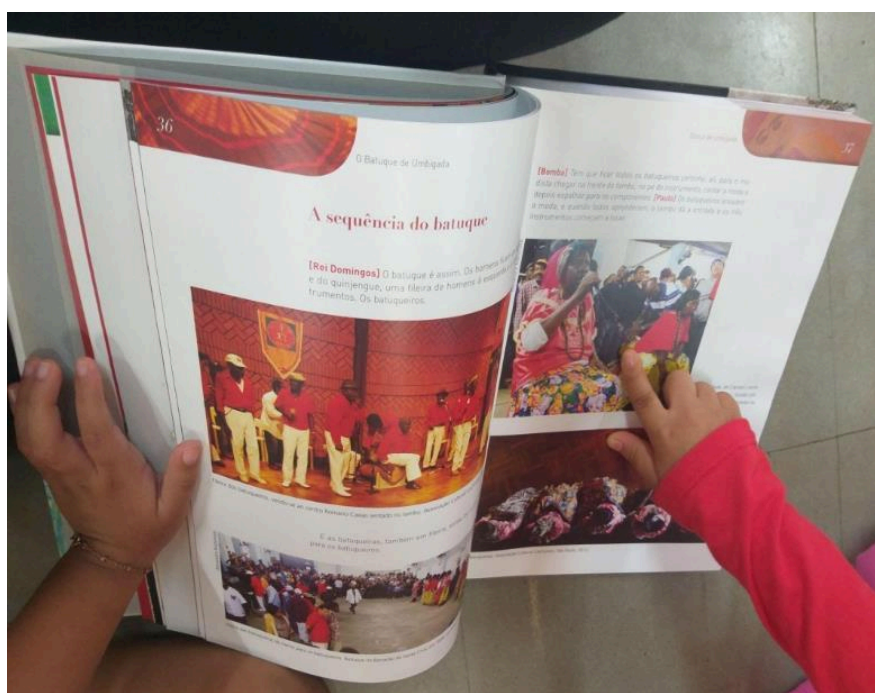
elementos simbólicos - éticos e estéticos - dessa manifestação, o que se deu de diferentes formas.

O Batuque de Umbigada foi o nome dado à dança-rito *Caiumba* por pessoas externas à esse movimento cultural, principalmente por pesquisadoras/es folcloristas que tiveram o interesse em investigar essa cultura de resistência *bantu*, mais representativa da região sudeste do Brasil, localizada no médio Tietê⁴. Mas essa denominação é amplamente utilizada pelos que promovem essa cultura atualmente e dentro da tradição.

A *Caiumba*, por sua vez, segundo Paula Junior (2019; 2020; 2021; 2022), é uma palavra da língua Kimbundu⁵, que remete ao sentido de encontro celebrativo ancestral e é a expressão mais utilizada pelas pessoas antigas e praticantes dessa manifestação, ou *tambu*, que é o nome do tambor maior e grave tocado na performance rítmica.

A valorização dos termos *caiumba* e *tambu* enfatizam um processo de descolonização epistêmica que procura garantir que outras expressões de modos de ser contribuam para o diálogo civilizatório contemporâneo. (PAULA JUNIOR, 2021, p.28).

Figura 1. Criança observando imagens do Batuque de Umbigada



Fonte: Arquivo da autora, 2021.

Contudo, eu vou me ater nesse artigo ao termo Batuque de Umbigada, pois apesar de apresentar às crianças pequenas, participantes do projeto, as expressões *Caiumba* e *Tambu*, o

⁴ O Batuque de Umbigada resiste em outros territórios paulistas como Tietê, Capivari e Rio Claro.

⁵ Língua africana falada no noroeste de Angola, incluindo a província de Luanda.

trabalho desenvolvido com elas teve como referências os materiais produzidos que se utilizam do termo Batuque de Umbigada majoritariamente. Mas, ressalto o valor epistêmico que o termo carrega para essa cultura de matriz *bantu*, que deve ser respeitado.

O Batuque de Umbigada diz respeito ao *encontro celebrativo ancestral*, ou seja, é o encontro da comunidade em manifestações festivas. Em Piracicaba, destaco, entre as festas, a que é realizada todo mês de junho, há mais de cem anos, no Sítio São Pedro, herdado pelo Seu Pedro Soledade, mestre da *Caiumba*, é um dos batuqueiros mais velhos dessa comunidade. A festa é o momento de celebrar os afetos e fortalecer as memórias, pois é um encontro dos familiares e se estende às pessoas que não pertencem aos laços consanguíneos. A ancestralidade é vivenciada nessa festa com um momento coletivo e comunitário que envolve a alimentação física, psíquica e espiritual.

Durante a celebração acontece a dança-rito no qual a estética coreográfica se organiza da seguinte forma: ao lado dos instrumentos - tambu, quinjengue e matracas - ficam enfileirados os homens e, do outro lado, na frente deles, ficam enfileiradas as mulheres. Ao toque dos tambores, os participantes se cumprimentam e a umbigada é realizada em meio à marcação rítmica. O encontro dos umbigos significa o equilíbrio energético entre o masculino e feminino.

O umbigo é o canal de alimento no ventre materno, e mesmo após o nascimento o centro de força física e equilíbrio energético continua sendo a região umbilical, o abdome (PAULA JUNIOR, 2022). Isso não é uma constatação apenas dos estudiosos dessa cultura, mas as pesquisas e os trabalhos de algumas vertentes da educação somática e da dança também dão esse enfoque ao centro do corpo como responsável pelo equilíbrio e a força (MILLER, 2016).

Para Paula Junior (2020), o Batuque de Umbigada transmite valores éticos fundamentais, considerados conceitos basilares para as/os batuqueiras/os como: a comunidade, a ancestralidade, a espiritualidade, a corporeidade e a oralidade. Ao ser pensado na perspectiva da cosmopercepção *bantu* é possível reconhecer os valores mencionados por meio da presença no *ubuntu*⁶, em seus aspectos éticos e estéticos, bem como da capacidade de estabelecer relações e acolhimento ao outro, que é próprio dessa maneira de ser e estar no mundo.

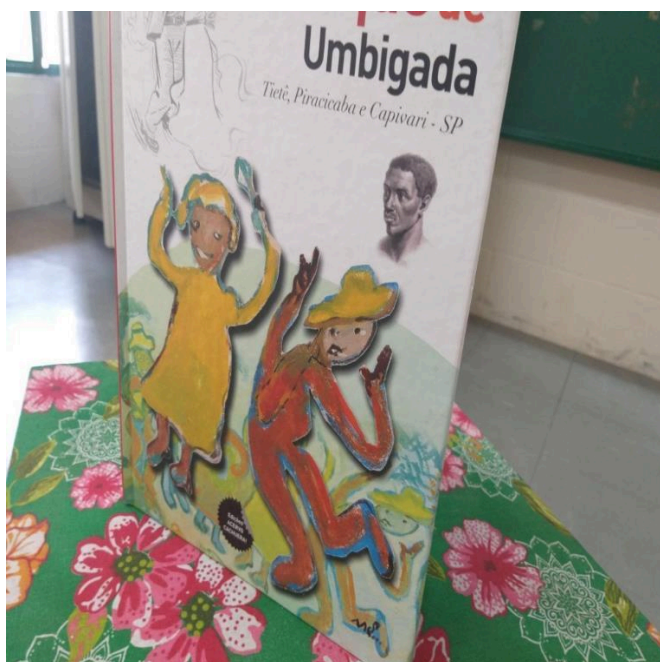
⁶ Não há uma tradução direta, mas é entendida como uma noção filosófica “Sou quem sou, porque somos todos nós”.

Neste sentido, esses elementos simbólicos - éticos e estéticos - que constituem as bases do Batuque de Umbigada foram ao longo do projeto educativo sendo investigados e refletido junto com as crianças pequenas, ao mesmo tempo em que foram considerados e relacionados ao processo educacional da instituição, que traz na sua concepção uma educação infantil integral, o que viabiliza a construção de um currículo antirracista.

O projeto realizado respeitou o movimento das próprias crianças na relação com os saberes ancestrais, visto que essa cultura não fazia parte do cotidiano delas. Ressalto que o livro “Batuque de Umbigada”, de 2015, organizado por André Paula Bueno, Maria Cristina Troncarelli e Paulo Dias, da Associação Cachoeira, foi um dos principais materiais de pesquisa utilizados. Esse livro é um material grande com 296 páginas e inclui muitas ilustrações, imagens e fotografias. Em cada uma das capas internas do livro contém envelopes contendo CD e DVD sobre essa tradição.

A apresentação do livro para as crianças foi o ponto inicial do projeto, e o interesse delas foi imediato, pois ficaram impactadas com as imagens. Muitas perguntas surgiram a partir desse momento, e o meu papel nesse sentido, de forma mais imediata, foi de contar os significados dessas imagens apontadas por elas tais como: pessoas negras tocando instrumentos, dançando enfileiradas, com saias de chita, cantando, pessoas mais velhas. E outros questionamentos foram sendo anotados para posteriormente serem investigadas durante o projeto.

Figura 2 - Livro Batuque de Umbigada



Fonte: Arquivo da autora, 2021.

Houve a necessidade de pesquisar outras referências para colaborar na ampliação e condução do projeto, como vídeos e músicas. E esses materiais foram enviados virtualmente às crianças em momentos em que estavam em casa com seus familiares ou cuidadores, ou seja, foram instrumentos de estudos que teve acompanhamento das/os responsáveis que de certa forma puderam conhecer tal manifestação.

As músicas e os vídeos guiaram vários momentos de vivências estéticas com as crianças em sala, e que por vez, dançaram, cantaram e batucaram.

Quadro 1: Lista de referências utilizadas pela professora autora durante o projeto educativo.

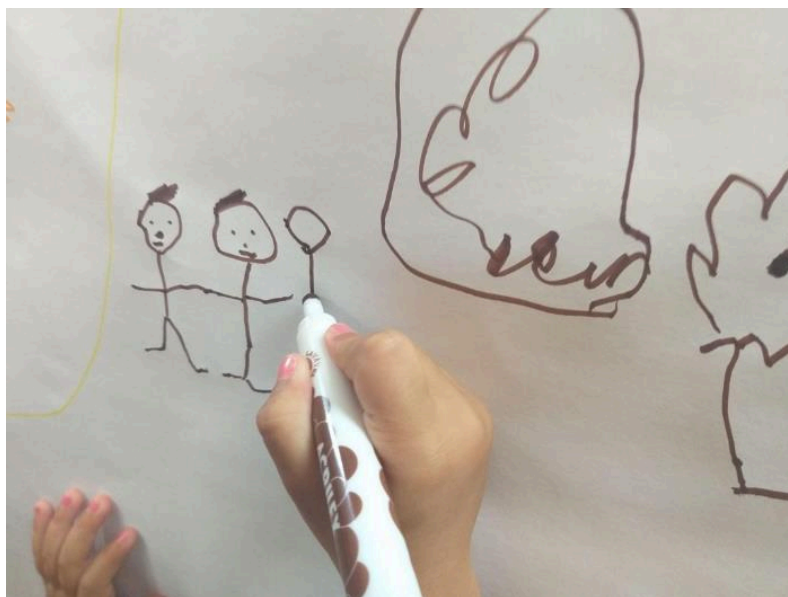
| |
|---|
| Livro: Batuque de Umbigada - Tietê, Piracicaba e Capivari SP. Associação Cultural Cachuera. São Paulo, 2015. |
| Entrevista com Seu Pedro soledade do Sítio São Pedro |
| Álbum Musical: De riom e Risadas - Pequenos Compositores Piracicabanos. Pontinhos de Cultura Terra Mater. Piracicaba, 2010. |
| Vídeo do youtube: 10º Festival Curau - Mini-doc Batuque de Umbigada de Piracicaba. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=369kKBm-iyQ |
| Vídeo do youtube: Mini-doc Batuque de Umbigada e Anelis Assumpção Festa dos Batuques Paulistas 202 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TL1VIg4zEg0 |
| Vídeo do youtube: Percursos da Tradição - Batuque de Umbigada. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Crg9HfKAIYo |
| Vídeo do youtube: "Rio de lágrimas", por Batuque de Umbigada, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_vnjh9LHjOc |

Fonte: Organizado pela autora, 2023.

Diante das demandas apresentadas pelas crianças, foram preparados contextos de investigações para produção de grafismo africano, produção de desenhos relacionados ao

Batuque de Umbigada, produção de instrumentos (tambores, guaiá) com materiais cotidianos, investigação do corpo na dança, memória afetiva, objetos, vestimentas e adornos.

Figura 3 Desenho dos batuqueiros enfileirados



Fonte: Arquivo da autora, 2021.

Assim como na cultura *bantu*, a **vivência** na educação infantil é muito significativa e marcadamente presente no brincar, que se constitui a atividade mais importante na pequena infância. Há aqui uma relação com as colocações das/os mestras/mestres da cultura popular que consideram o seu modo de vida brincante fazendo frente a essa sociedade produtivista e utilitarista.

É na ludicidade da dança expressa na umbigada e na co-criação de cada membro que se abre um infinito de possibilidades de sentir esse momento e, desse modo, estabelecer a partir do próprio corpo em contato com o outro uma variedade de movimentos que inspiram a harmonia da vida.

É a magia, o encantamento celebrado pelos cumba - mestres mágicos da palavra capazes de reencantar o sentimento da existência, principalmente para aqueles/as que historicamente foram alijados do direito à vida, ao menos aquela que se organiza a partir da sociedade escravista, liberal ou capitalista, na qual se exerce o controle do outro por meio da sua exploração sistemática. (PAULA JUNIOR, 2021, P. 29)

O brincar é valorizado porque é capaz de carregar consigo todos os elementos fundamentais que baseiam a vida. A valorização da criança nessa matriz consiste na energia original que possibilita a existência e o recomeçar sempre de novo. A brincadeira de dançar, tocar, cantar, jogar se constitui como ação criadora das crianças e contribuiu na produção das experiências estéticas infantis mediadas pela vivência.

O ato de explorar e investigar é muito importante para as crianças. Ao manipularem os materiais para a construção de réplicas de instrumentos musicais e entender as possibilidades

do corpo é possível compreender um movimento que advém de diferentes áreas de conhecimento e da sensibilidade. Neste caminho, elas (as crianças) se expressam com maior autonomia e espontaneidade, desenvolvendo autoconhecimento de suas potências bem como o senso de coletividade.

Figura 4. Desenho batuqueira dançando e tambor esquentando no fogo



Fonte: Arquivo da autora, 2021.

Durante o projeto, no que diz respeito ao contexto de criação de diferentes expressões, minhas e das crianças, também entendo como um processo de re-criação, porque foi um projeto desenvolvido inspirado num acúmulo de experiências de pessoas que vieram antes de nós, dos mais velhos. Ou seja, os mais novos sendo oportunizados a aprender um processo de transmissão de saberes da tradição do Batuque Umbigada, mesmo que não tenha sido realizado nos terreiros das celebrações, contudo, o ambiente educativo pode se tornar um espaço que privilegia e salvaguarda essa cultura, respeitando-a e conhecendo.

Foram elaborados bonecas e bonecos batuqueiros com diferentes materiais, tendo como referência os artesãos presentes na comunidade, bem como um colar baseado no objeto de uma batuqueira. Neste último, foi levantado por uma criança uma questão de gênero sobre saber se meninos usam colares também. “Isso é coisa de menina?” Para ampliar tal questionamento, como referência, apresentei ao grupo imagens de outras crianças, de vários povos do continente africano, mostrando que meninos e meninas usam colares, e outros adornos, sem discriminação. E neste sentido colares foram produzidos por toda a turma.

Figura 5. Bonecas batuqueiras e bonecos batuqueiros

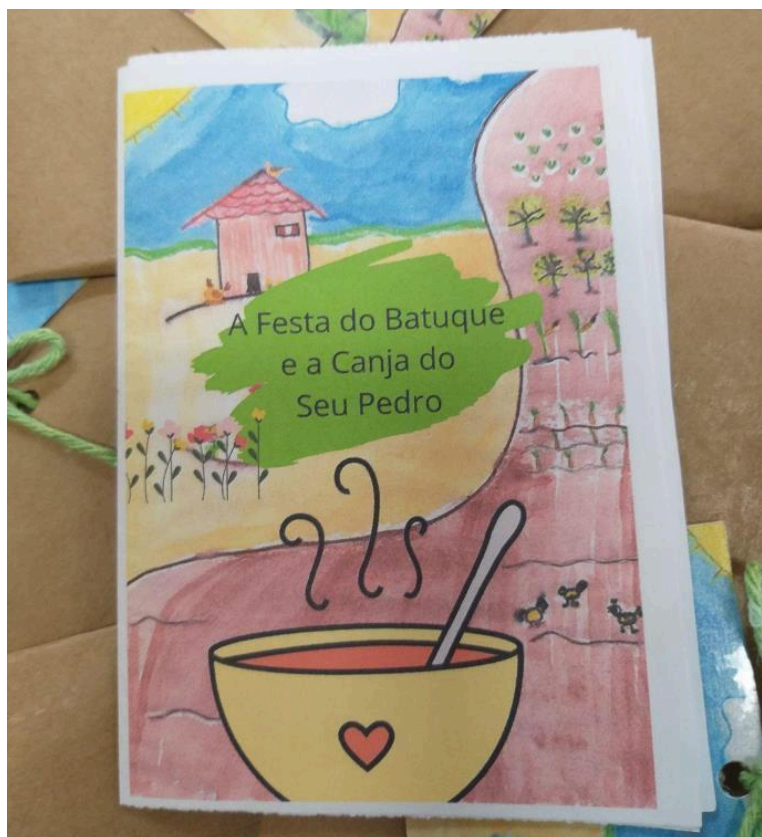


Fonte: Arquivo da autora, 2021.

Foi criado um livro de história infantil inspirado na Canja que é oferecida no sítio do Seu Pedro Soledade nos encontros celebrativo do Batuque de Umbigada, como símbolo de vida, pois o corpo físico, de acordo com a filosofia dessa tradição, precisa ser cuidado repondo as energias que foram sendo gastas dançando e tocando. O que se soma a essa concepção do alimento é o fato de fazer isto junto com o outro, ou seja, é estar com outro de forma comunitária, e antes mesmo no seu preparo a relação coletiva está presente.

A comida também é um foco de resistência na cultura negra no Brasil, para essas comunidades tradicionais o alimento é visto de maneira especial, porque mais do que fonte de sobrevivência, comer é um ato sagrado e de respeito pelo que a natureza fornece (BARRADAS E FRELING, 2021).

Figura 6. Livro infantil "A Festa do Batuque"



Fonte: Arquivo da autora, 2021.

A figura da mulher negra e do matriarcado também fez parte da investigação e desenvolvimento do projeto, ressaltando-se a força das batuqueiras nessa manifestação, que ocupam um lugar central na organização da comunidade. E ao longo do projeto foram elaborados cartazes digitais para serem disparados no grupo de whatsapp das famílias das crianças e da rede social da escola, contando um pouco de algumas mestras e batuqueiras com o objetivo da comunidade escolar acompanharem e aprenderem sobre o papel dessas mulheres nessa manifestação.

Houve a participação das pessoas detentoras e cuidadores da cultura do Batuque de Umbigada por meio de consultas, trocas de informações, visita na escola e avaliação da produção de materiais. Cabe destacar que, devido à pandemia de Covid19, as famílias tiveram grande participação na execução do projeto, pois muitas atividades foram realizadas em casa, como construção de instrumentos, assistir vídeos, leitura de histórias e gravação de retorno das ações das crianças.

Figura 7 - Representante do batuque na escola com as crianças



Fonte: Arquivo da autora, 2021.

O repertório cultural das crianças relacionado à cultura negra e ao Batuque de Umbigada ampliou significativamente, por meio da linguagem oral, a linguagem estética, a linguagem das cores, do desenho, da música, da dança, do corpo, das simbologias e valores humanos, da diversidade, o autoconhecimento, o respeito ao outro. O processo, a partir das lógicas da documentação pedagógica, foi registrado em diferentes instrumentos como diário de bordo, inventário, portfólio, página digital, fotografias e vídeos. A avaliação processual se deu junto às crianças e famílias, que puderam falar da vivência de descobrir essa manifestação cultural que acontece na sua própria cidade. Tal reflexão aponta para a materialização e as materialidades de um projeto educativo que pensa uma educação infantil antirracista, inclusive a partir das especificidades desse nível de educação.

Pois, um dos aspectos importantes abordados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) - DCNEI é o conceito de criança ao ser considerada como um sujeito histórico e de direito, centro do planejamento curricular em que as práticas pedagógicas impulsionam o seu desenvolvimento, por meio do acesso ao conhecimento cultural e científico.

Dentre outras coisas, a pequena infância é um momento da vida de formação de repertórios afetivos (consigo e com outro), políticos e ético, e na prática pedagógica a Lei 10.639 dá suporte para que as crianças possam aprender, livre dos estereótipos e preconceitos, os aspectos afirmativos de uma identidade negra positiva.

O racismo é presente, contudo, ele deve ser enfrentado ao logo processo formativo das crianças, desde a educação infantil, que se constitui como um espaço formativo e de vivências fundamentais para o seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo.

A escola é um espaço de construção de ideologias e conhecer e respeitar as diferenças é basilar para construção da vida em comunidade. Concordo com Santos e Guanâbens (2021) ao dizerem que há pouca representatividade nas escolas para as crianças negras, sendo necessário oferecer caminhos diversos que as representem. Neste sentido, compreendo que investigar junto às crianças a história e a cultura africana e afro-brasileira com o tema Batuque de Umbigada, a partir de uma perspectiva afirmativa dessa manifestação de matriz negra, por meio de provocações estéticas e lúdicas, contribuiu no processo de identidade e valorização da autoimagem das/os pequenas/os que ao longo desse projeto educativo pode se deparar com imagens de pessoas negras em situações de protagonismo, alegres, festivas, liderando, ensinando e transmitindo sabedorias.

Escutar as crianças ao longo dessa travessia garantiu que caminhos fossem abertos para desdobramentos do próprio assunto estudado, e isso se deu pelos diálogos em sala principalmente em rodas de compartilhamento, isto é, não é um processo impositivo e expositivo, e sim dialógico, que considera a experiências de todas/os. Pois, os objetivos da educação é construir a participação efetiva de todos os agentes na construção da própria educação (SALES DOS SANTOS, 2018).). Isto significa que a comunicação foi valorizada e ao fazer a relação com a tradição do Batuque de Umbigada a conversa é basilar, pois é a continuidade dos saberes pela palavra, que é sagrada em sua oralidade (JUNIOR, 2022), mas também pelos outros modos de comunicação como, o tambor, a dança e a coletividade.

Lições aprendidas a partir de um currículo antirracista

Ao pensar a educação infantil integral mediada por um currículo em movimento e pautada numa Educação Antirracista, possibilitou aprender, por meio do Batuque de Umbigada, os fundamentos que a história e cultura negra ensinam sobre a valorização da dignidade humana, abrindo caminhos para a formação de crianças pequenas que colabora na

superação dos danos causados pelo racismo estrutural. Aprendi nesse processo, que práticas pedagógicas que potencializam a construção de um currículo antirracista, direcionam para a formação de sujeitos que valorizam e respeitam outras formas de produzir cultura.

As vivências propiciadas em diferentes campos do conhecimento (artístico, cultural, histórico, cuidado, alimentar, territorial, geracional, científico) e por meio de diferentes matérias que enfatizam a representatividade negra, ensinaram as crianças sobre diversidade, respeito e eliminação de ações racistas.

Referências

- BRARRADAS, Miruan; FRELING, Guilherme. A comida como um foco de resistência da herança negra no Brasil. *Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. 18 nov. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/a-comida-como-um-foco-de-resistencia-da-heranca-negra-no-brasil/>. Acesso em: out. 2023.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. Decreto de Lei n. 10.639. Brasília, 09 de janeiro de 2003.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil /Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2009.
- _____. Ministério da Educação, 2009. Programa Currículo em Movimento. SEB.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Narrative inquiry: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- Dos Santos, Daiane; GUANABENS, Patrícia Ferreira Santos. A Educação Infantil e a construção identitária das crianças negras: Práticas pedagógicas como forma de apagar o racismo na Educação Infantil. *Revista De Ciências Humanas*, 2(21), 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/12913>. Acesso em: mar. 2023.
- MILLER, Jussara. A escuta do corpo: sistematização da técnica Klauss Vianna. São Paulo, Sammus, 2016.
- PAULA JUNIOR, Antonio Felogênio de. Filosofia afro-brasileira: epistemologias, cultura e educação na caiumba paulista. Tese de doutorado em Educação. PPGE -UNIMEP, Piracicaba, 2019.
- _____; RIBEIRO, Alessandra; SALES, Rosa Pires. Ngoma Chamou! - batuques em terreiros paulistas. Rio de Janeiro, Malê, 2021.
- _____. Saberes no pé do Tambu. Rio de Janeiro, Malê, 2022.
- _____. A caiumba: ética e estética bantu no oeste paulista. *Artefilosofia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFOP, v.15, n. 28, abril de 2020. pp 46-65. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/2160/3211>. Acesso em: mar. 2023.
- SALES DOS SANTOS, Sandro Vinicius. Currículo da educação infantil - considerações a partir das experiências das crianças. *Educação e Revista*, n. 34, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/xchDQ9dsNn6DzRzBsgr3wmP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: mar. 2023.